

Representando Ozzy: uma análise das crianças no humor

(Representing Ozzy: an analysis of children in the humorous discourse)

Márcio Antônio Gatti¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

maggatti@gmail.com

Abstract: In this paper we analyze some strips in which the character Ozzy (of the cartoonist Angeli) is the protagonist. We propose a discussion on the role of stereotypes, based on the French Discourse Analysis, in the humorous discourse and, especially, in the way they are presented in humorous texts which have children as protagonists. We intend to discuss the possible existence of a *Discursive Formation* that would determine the way children's characters are presented in humorous discourse. In order to conduct the discussion, we observe some specific examples from the texts.

Keywords: stereotype; discursive formation; humorous discourse; children.

Resumo: Este artigo analisa algumas tiras em que a personagem Ozzy (do cartunista Angeli) figura como personagem principal. Com base na Análise do Discurso de linha francesa, propõe-se uma discussão do papel dos estereótipos no humor e, principalmente, o modo como se apresentam em textos humorísticos cujas personagens principais sejam crianças. Observando alguns exemplos de textos com essa peculiaridade, pretende-se abordar uma possível existência de uma *Formação Discursiva* que determinaria o modo de apresentação das personagens infantis no humor.

Palavras-chave: estereótipo; formação discursiva; humor; crianças.

Introdução

Possivelmente a inserção da personagem Ozzy no espaço da representação do infantil no humor suscitará questionamentos. Uma vez que se trata de uma personagem aparentemente mais próxima do período da adolescência que da infância propriamente dita, o que nos faria supor que o garoto Ozzy é uma personagem cuja caracterização poderia exemplificar a representação do infantil no humor?

Uma das duas razões que nos fazem inserir essa personagem do cartunista Angeli como exemplar da representação do infantil é de ordem interna à própria enunciação. O modo de caracterização da personagem revela uma aproximação com as práticas cotidianas e com costumes típicos das crianças: uma certa dependência dos pais; o repúdio a certos pratos (como sopa de legumes, por exemplo); a obrigação com as lições de casa encomendadas pela professora; a relação conturbada (ou quase inexistente) com o sexo oposto; etc.

A outra razão diz respeito ao modo de circulação das tiras. Embora já reunidas em quatro volumes de coletâneas, as tiras de Ozzy foram primeiramente publicadas no suplemento *Folhinha* do jornal *Folha de São Paulo*. Tal suplemento, a exemplo de outros cujo nome é normalmente uma derivação sufixal (nome + *inho/a*) do nome pelo qual o jornal é conhecido (*Folha – Folhinha, Estadão – Estadinho*), é destinado a crianças. Para o público adolescente, o Jornal do qual faz parte *Folhinha* reserva o suplemento *Folhateen*.

No que diz respeito à caracterização dessa personagem, um dos traços mais evidentes e peculiares é a higiene, ou, mais especificamente, a falta dela. Fato do qual nos ocuparemos neste trabalho.

Comumente explorado em análises de textos humorísticos, a noção de *estereótipo* também terá papel relevante aqui. Sabemos que o estereótipo é um dos recursos mais utilizados no campo humorístico. Assim, em muitos textos temos a sua exploração. É possível notar isso em piadas cujas personagens são caracterizadas como pertencentes a alguma etnia (por exemplo, o judeu, cuja característica estereotipada explorada é a sovinice). Mas e Ozzy? Há como sustentar a hipótese que temos, também, um caso de estereotipia?

Ao propor essa discussão, sentimo-nos obrigados a expor, mesmo que sucintamente, a problemática do estereótipo e, principalmente, o uso que se faz dele no discurso humorístico.

Estereótipos e humor

A exploração do conceito de *estereótipo* não é algo novo. Amossy e Pierrot (2001) demonstram que, embora a psicologia social tenha se ocupado mais amplamente da teorização de tal conceito, o seu uso é bastante amplo nas ciências humanas, inclusive nas ciências da linguagem.

Curiosamente, também há lugar para um uso comum do termo, o qual convive com o uso científico:

en el uso corriente, sin embargo, el término estereotipo continúa generalmente designando una imagen colectiva cristalizada [...]. El uso vulgar coexiste con el uso erudito que va más allá de la cuestión de la falta de originalidad, para plantear en toda su profundidad la de las mediaciones sociales y la comunicación. (AMOSSY; PIERROT, 2001, p. 34)

No uso científico (em especial, nas ciências sociais), o conceito foi amplamente relacionado com a questão do preconceito e essa vinculação fez com que houvesse, por vezes, uma confusão entre estereótipo e preconceito.¹

Sem tomar partido na discussão dessa relação estereótipo/preconceito, faremos aqui um uso um tanto quanto simplificado da noção de *estereótipo*, adotando uma definição que deve muito à ideia de *imagem*. Imagem que se tem de um grupo, de uma etnia, etc., que é de certa forma cristalizada e que muitas vezes pode falsear a realidade,² o estereótipo pode assumir, também, uma faceta bastante simplificada. O fato de o estereótipo falsear o real, não quer dizer que se aparte dele. Ele é obviamente uma representação imaginária, mas amparada nas relações sociais e discursivas existentes.

A simplicidade do estereótipo pode ser notada no humor. Com efeito, nos textos humorísticos cujos temas são grupos, etnias, etc., o estereótipo pode ser rapidamente reconhecido. Numa piada sobre baianos, por exemplo, o traço estereotípico ressaltado é sempre a preguiça (o que gera uma generalização: *baiano é preguiçoso*). Temos, então, a simplicidade, e também uma certa grosseria, do estereótipo nos textos humorísticos. Es-

¹ “la vinculación del estereotipo con el prejuicio se convirtió en una regla en las ciencias sociales, que llegan a veces a confundir las dos nociones” (2001, p. 38).

² Como bem observam Amossy e Pierrot (2001): para a propagação do estereótipo não é necessário haver nenhum tipo de relação com o real (ver p. 40-41).

sencialmente nas piadas que circulam no Brasil teríamos: *caipira esperto; loira e português burros; gaúcho homossexual; etc.*

Ocorre que, como bem observado por Possenti (2002), os estereótipos, do modo como são explorados no humor, revelam geralmente uma manifestação do simulacro. O conceito de *simulacro*, formulado por Maingueneau (2005), supõe uma relação polêmica entre discursos (ou Formações Discursivas). Tal relação é regida por uma *interincompreensão regrada* gerida pela *semântica global* desses mesmos discursos (ou Formações Discursivas).

O simulacro seria, portanto, a imagem que um discurso faz do seu oponente numa relação polêmica. Essa imagem é a interpretação que o discurso primeiro faz do discurso segundo. O processo de interincompreensão faz com que um traço semântico do *outro* seja interpretado pelo *mesmo* de forma negativa, e isso estaria ligado às próprias regras de sua semântica:

Para elas [as diversas posições enunciativas], não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de “não compreender” o sentido dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno. No modelo, isso se manifesta no fato de que cada discurso é delimitado por uma grade semântica que, em um mesmo movimento, funda o desentendimento recíproco. (MAINGUENEAU, 2005, p. 103)

Como exemplo, o caso analisado pelo próprio autor: os semas básicos do modelo do discurso jansenista *consistência e verticalidade* serão traduzidos pelo discurso humanista devoto (quando este for o discurso agente) como *dureza e tirania*.³

No caso específico do humor, os estereótipos simplificados (loira burra, judeu sovina...) podem ser exemplos típicos do funcionamento do simulacro:

Uma das características das piadas é que elas opõem dois discursos [...], fazem aparecer, ao lado de um estereótipo básico, assumido pelo próprio grupo (um traço de identidade?), o estereótipo oposto. Por exemplo, se um grupo se representa tipicamente como “macho” (valente, etc.), as piadas dirão dele não só seu oposto, mas seu oposto mais rebaixado possível [...], embora o traço “macheza/masculinidade” possa implicar características não ligadas necessariamente ao desempenho sexual (como valentia, hombridade etc.), o estereótipo oposto com o qual a piada opera selecionará o traço sexualidade. É neste sentido que se pode dizer que o estereótipo talvez seja um simulacro. (POSSENTI, 2002, p. 159)

Mas seria possível defender que os textos, no discurso humorístico em geral, que exploram personagens infantis também constroem um estereótipo da criança que, na verdade, é um simulacro?

Crianças no humor

Ao analisar piadas cuja personagem principal é uma criança, Possenti (2001) demonstra que a criança veiculada por esse tipo de piada tanto sabe mais do que deveria, quanto diz coisas que não se dizem. Assim, temas tabus (como sexo, por exemplo) são amplamente tratados nessas piadas. Mas é outra passagem do texto que nos faz visitá-lo

³ Os discursos jansenista e humanista devoto são os discursos religiosos, estudados por Maingueneau (2005), que se encontram numa relação polêmica durante o século XVII na França.

neste momento. Ao analisar uma piada, o autor faz o seguinte comentário: “a imagem de criança que dela resulta é mais complexa do que as imagens com as quais usualmente funcionam as piadas – tipicamente, grosseiros estereótipos” (POSSENTI, 2001, p. 146).

A hipótese que queremos defender é que os textos humorísticos que tematizam a criança, ou mesmo que fazem uso dela para abordar outro tema, não constroem propriamente um simulacro de outro discurso. Assim, teríamos estereótipo (ou mesmo estereótipos), mas não simulacro.

Opostamente aos estereótipos grosseiros (aparentes em outros textos humorísticos, como nas piadas sobre loiras, portuguesas, judeus, por exemplo), nos textos cuja personagem central é a criança há uma certa complexidade na construção das imagens infantis. Se quisermos, portanto, generalizar fazendo uso de um único adjetivo para descrever o estereótipo da criança, encontraremos um entrave. É possível caracterizar a criança desses textos com vários adjetivos: *sagaz*; *suja*; *incansável*; *malvada*; *maliciosa*. Essa pluralidade de caracterizações converge com o que dissemos acima: há uma complexidade na representação da criança no humor.

No nosso ponto de vista, essa complexidade somente pode ser compreendida se pensarmos no conceito de *formação discursiva* (FD). Se pensarmos que as imagens estereotípicas no humor são geradas por uma oposição entre um discurso e seu outro, talvez não haja como sustentar que as imagens das crianças no humor sejam geradas numa relação de polêmica discursiva. Assim, tais imagens não são não-coincidentes com o outro (como são os simulacros), mas coincidentes com o mesmo.

É fato que uma FD define uma identidade enunciativa determinando o que pode ou não ser dito no discurso que a ela está submetido. Nosso trabalho, nesse momento, deve esboçar, a partir da análise de uma seleção de textos, o sistema de regras semânticas de uma FD humorística do infantil.⁴

O modo de representação das crianças no humor parece, a priori, seguir um padrão, motivado pela questão sexual. Assim representam-se meninos de uma forma e meninas de outra. É o que podemos notar ao observarmos as piadas de Joãzinho. Nelas, apresenta-se um menino travesso, obscuro, zombador. Também na literatura, é possível notar uma mesma representação. É o caso de *Conpozissôis Infãtis*, de Millôr Fernandes.

Todas essas características parecem convergir, em certa medida, para a *incorreção*. Vejamos abaixo, dois textos em que ficam evidentes algumas das características acima elencadas:

- (1) O professor dá uma bronca na sala, após uma prova:
— Quantas notas baixas! Vocês não são burros, deviam ter notas melhores. Vamos lá, quem se acha burro faça o favor de ficar em pé.

⁴ Limitar-nos-emos aqui a aceitar a célebre passagem de Pêcheux e Fuchs (1990, p. 166), que define FD como aquilo que determina “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um discurso, um sermão, um panfleto...)”, não esquecendo, no entanto, que a própria passagem oferece elementos para integrar um sistema de regras semânticas de uma FD aos gêneros nos quais é materializado o discurso. Maingueneau (2005) observa bem que “não existem “sumas” jansenistas, somente máximas, ensaios, cartas, coletas de citações, reflexões etc... Isso se inscreve na lógica de uma semântica que privilegia a descontinuidade...” (2005, p. 99). Ver também, a esse respeito, Possenti (2009, p. 76).

- Só o Joãozinho se levanta. Então o professor fala:
 — Você se acha burro?
 E o garoto responde:
 — Não, professor. É que eu fiquei com dó de ver o senhor em pé sozinho.
- (2) No auge dos seus 8 anos, Joãozinho entra no elevador e se depara com a sua vizinha de 27 anos.
 — Suzana! Eu tô apaixonado por você! Namora comigo?
 A loiraça acha graça e responde:
 — Eu não posso namorar com você, Joãozinho...
 — Por quê?
 — Ai! Não leva a mal... Mas é que eu não gosto de crianças.
 — Não tem problema. A gente usa camisinha!⁵

No caso das meninas, a representação não parece ser feita da mesma forma. Palavras como *sagacidade*, *inteligência* e *esperteza* seriam facilmente relacionadas com sua representação. Basta relembrarmos as tiras da personagem Mafalda. Nelas, a menina demonstra uma inteligência/sagacidade incomum. Como exemplo, ver figura 1.

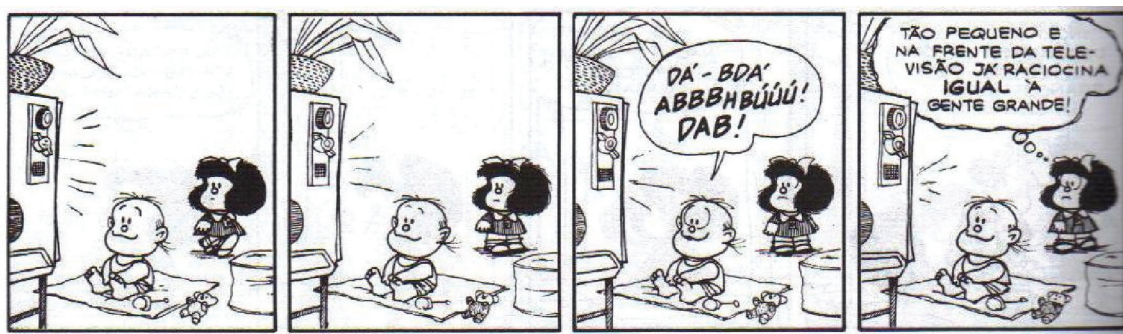


Figura 1: Mafalda (QUINO, 2009, p. 222)

Haveria, pois, uma coerência em manter as representações de crianças de sexos opostos sob a mesma FD? Nossa hipótese é que, mesmo com representações tão destoantes ou não homogêneas, é um mesmo sistema de regras que permite a sua formulação. É possível que encontremos traços como a incorreção (ver piadas de Joãozinho) ou também de um “saber demais”, mas não vemos traços como inocência, por exemplo. No nosso ponto de vista, esse fato está, também, relacionado com a constatação de Possenti (2001), já citada acima, de que as crianças, no humor, sabem coisas que não se espera que soubessem e dizem coisas que um adulto não diria.

Assim, acrescentam-se ao fato constatado pelo autor, outras características, como a incorreção e a sagacidade, quando se recorre a uma criança como personagem para dizer coisas que não falaríamos, demonstrando que ela domina conhecimentos “inapropriados” para sua idade. Todas essas características convergem para uma representação coesa da criança no humor. Tal representação diverge, sem dúvida, de outros lugares comuns tipicamente associados a crianças, tais como a inocência, a pureza, oriundos, provavelmente de outros discursos, como o politicamente correto, por exemplo.

A personagem Ozzy entraria na lista dessas crianças representadas no humor pela porta da incorreção. Caracterizando-o rapidamente, trata-se de um menino que consome

⁵ Os três exemplos foram extraídos de <<http://www.humortadela.com.br/>> . Acesso em: 15 jun. 2010.

quantias absurdas de alimentos não saudáveis, extremamente egocêntrico, incapaz de manter um relacionamento (a não ser com seus estranhos bichos de estimação) e muito pouco asseado, característica da qual nos ocuparemos na próxima seção.

O humor em Ozzy

Uma das características marcantes da personagem Ozzy é a sua falta de higiene. Isso pode ser percebido tanto em atitudes e fatos mais comuns, como jogar coisas pelo chão e ter piolhos (ver Figuras 2 e 3), até fatos bastante inesperados, como possuir como bichos de estimação “lesmas carnívoras gigantes” (ver Figura 4).

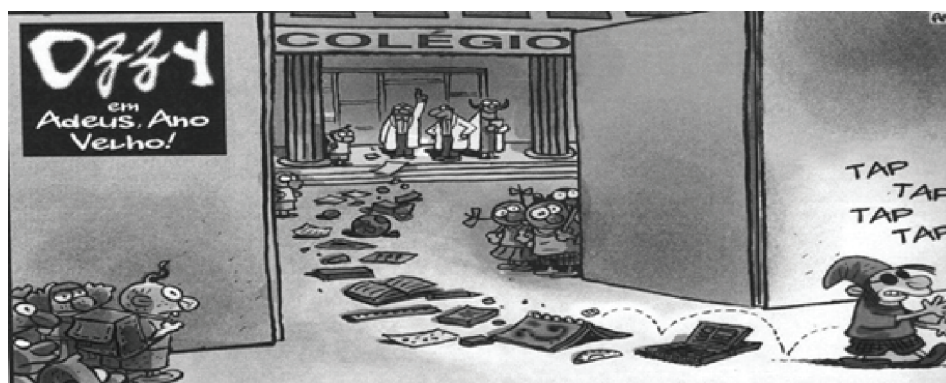


Figura 2: Ozzy em adeus ano velho (ANGELI, 2006, p. 38)



Figura 3: Ozzy (ANGELI, 2006, p. 29)



Figura 4: Ozzy e suas lesmas carnívoras gigantes (ANGELI, 2006, p. 5)

Embora haja um exagero na apresentação dessa característica em Ozzy, gostaríamos de salientar que se trata de uma característica possível dentro da FD que simplificadamente delimitamos acima. Para ilustrar, segue um exemplo de Millôr Fernandes:

(3) **O Banho**

O banho é uma coisa desagradável que molha a gente todo. Serve pra deixar a gente limpo mas não adianta nada porque logo depois é que aparece a brincadeira boa e a gente se suja todo de novo. Uma coisa que a gente aprende no colégio é que grandes sábios como o Arquimedes às vezes saíam pela rua gritando Eureka sem acabar o banho. O professor diz que ele tinha descoberto que o corpo dentro d'água sofre um empurrão de baixo para cima, mas lá em casa pra eu entrar n'água mamãe tem que me dar muitos empurrões de cima para baixo. Isso quando papai não está que é quando eu tomo banho a sopro e cascudo. (FERNANDES, 2006, p. 140)

Aqui a relutância da criança em tomar banho demonstra, em menor escala do que em Ozzy, a mesma característica: a pouca higiene. Há, portanto, uma possibilidade de múltiplas representações da criança no espaço dessa FD, pois ela permite que haja desde um Joãozinho vulgar e obscuro até um Ozzy sem nenhum tipo de escrúpulo com a higiene.

Isso contrasta, de forma geral, com o uso de estereótipos no humor. Como já mencionado acima, os estereótipos em muitas piadas funcionam como simulacros do outro discurso. Aqui, a própria multiplicidade da estereotipia da criança não nos permite dizer que temos simulacro, nem mesmo de identificar uma FD antagônica. No nosso ponto de vista, há sim uma tensão entre discursos, propiciadas por temas, ou ainda por lugares comuns, que penetram nessa FD e são por ela ressignificados, mas não uma polêmica capaz de produzir simulacros.

O interdiscurso fornece a essa FD, mas não de forma dicotômica – como se pode pensar quando temos, por exemplo, a dicotomia *gaucho viril* de um discurso e *gaucho afeminado* de outro – temas ou mesmo lugares comuns, e essa FD os ressignifica. É o caso do conhecido lugar comum *criança não gosta de tomar banho* transformado numa clara e extrema falta de higiene, em Ozzy.

No caso de Ozzy, há, ainda, outro aspecto que pode ser um bom exemplo de como sua representação é coesa com essa FD. Trata-se da questão do *ethos* discursivo. A imagem apresentada de Ozzy no discurso, seja ela mostrada ou dita, fornece-nos fonte para defender que se trata de uma representação que se liga, indubitavelmente, ao fator da incorreção, aspecto que julgamos relevante nessa FD.

Retomemos o exemplo 3. Há, sem dúvida, uma questão de *ethos discursivo*. Conforme pensado por Maingueneau, “o ethos de um discurso resulta da interação de diversos fatores” (2008, p. 18), dentre eles, o ethos mostrado e “os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (ethos *dito*) – diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente”. É o que é possível notar na fala de Ozzy: “Blearg! Aquele bicho nojento?!”.

Retirada do contexto de produção, essa fala, aparentemente, poderia ser de uma criança “normal” ao recusar a presença de algum animal do qual teria receio. Mas posta na boca de Ozzy, no contexto em que está, afirma o seu modo de apresentação no discurso. Numa recusa à “normalidade”, Ozzy usa uma fala “normal” para demonstrar aquilo que gosta (ou, mais exatamente, o que não gosta). Ao recusar o “snoopzinho” de sua mãe, ele marca sua identidade: “eu sou Ozzy, essa é minha normalidade”.

Ozzy e Ozzy Osbourne

Gostaríamos de ressaltar, ainda, aquilo que, além dos *ethe* mostrado e dito, também poderia compor o *ethos* efetivo do enunciador, ou seja, o *ethos* prévio ou prediscursivo.

A respeito dessa noção, Maingueneau observa que

o ethos está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do ethos do enunciador antes mesmo que ele fale. Parece necessário, então, estabelecer uma distinção entre ethos discursivo e ethos prediscursivo. (2008, p. 15)

Complementa, ainda, afirmando que há certos tipos de discurso em que o destinatário não possui nenhum tipo de representação prévia do enunciador,

mas isso funciona de outro modo no domínio político ou na imprensa “de celebridades”, por exemplo, em que a maior parte dos locutores, constantemente presentes na cena midiática, é associada a um tipo de ethos não-discursivo que cada enunciação pode confirmar ou infirmar. (MAINGUENEAU, 2008, p. 16)

Em Ozzy, há, no entanto, uma diferença com relação ao que está proposto em Maingueneau. O que queremos aqui ressaltar é o nome do menino. Trata-se do mesmo nome do cantor de heavy metal Ozzy Osbourne. Então se há um *ethos* prévio, este é do cantor e não da personagem.

Ocorre que, ao emprestar o nome do cantor, a personagem Ozzy empresta junto toda a imagem já conhecida de Ozzy Osbourne. Imagem esta que, não necessariamente, tem relação com a falta de higiene, mas que, por ser facilmente associada a uma soturnidade, pode reforçá-la.

A imagem prévia soturna do cantor Ozzy – confirmada na personagem homônima pelo predomínio de cores escuras,⁶ do uso constante de óculos escuros (parecendo sempre fugir da luz do dia) e de toda uma natureza sombria (o fechamento em seu quarto, o egocentrismo exacerbado...) – associada à falta de higiene do garoto Ozzy, potencializa

⁶ Essencialmente tons de verde e amarelo.

essa apresentação bastante peculiar. Ozzy não é apenas o menino que manipula besouros e lagartas (outra imagem dessa FD?), mas é, de certa forma, asqueroso.

Conclusão

A percepção de que, no humor, os estereótipos do infantil não são exatamente como os estereótipos ligados a etnias ou grupos faz com que devamos observá-los de outras formas.

Neste trabalho tentamos demonstrar que os estereótipos do infantil não são simulacros (como são os outros, como gaúcho afeminado, por exemplo). E que eles, ao contrário, estão submetidos a uma identidade de uma FD.

Os textos do humor que representam crianças, principalmente os que representam meninos, parecem convergir para um traço fundamental e que, no nosso ponto de vista, é um traço semântico dessa FD, que é a incorreção. Tal incorreção pode ser representada de formas diversas, desde a inconveniência até a falta de higiene de Ozzy. Aliás, vimos que essa característica, nessa personagem, é potencializada, chegando ao exagero, como, por exemplo, a criação de lesmas gigantes em seu quarto.

Ressaltemos, ainda, que essas representações dos meninos, se pensarmos em FD, devem estar associadas à noção de identidade da criança para essa FD. Assim, a imagem que essa FD permite fazer dos meninos (que de uma forma ou de outra convergem para a incorreção) no humor é potencializada, exagerada, como o traço da higiene em Ozzy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herscheberg. *Estereotipos y Clichés*. Tradução de Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2001. 133 p.

ANGELI. *Ozzy4: as lesmas carnívoras e outros animais esquisitos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 56 p.

FERNANDES, Millôr. *Conpozissôis Infântis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 2006. 79 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005. 189 p.

_____. A propósito do ethos. Tradução de Luciana Salgado. In: MOTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11- 29.

PÊCHEUX, Michel ; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 161- 252.

POSSENTI, Sírio. *Os Humores da Língua: análise linguística de piadas*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001. 152 p.

_____. *Os Limites do Discurso*. Curitiba: Criar, 2002. 260 p.

_____. *Questões para Analistas do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2009. 183 p.

QUINO. *Toda a Mafalda*. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva et al. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 420 p.